




UMA DIVINA AVENTURA

Pedro Vaz Patto

Passam dez anos sobre o fim da vida terrena de Chiara Lubich, cujo Ideal de vida e cujo pensamento inspiram esta revista.

Quando ela, em 7 de dezembro de 1943, entregou a sua vida a Deus, estava longe de imaginar que milhões de pessoas, de 182 nações, a seguiriam, de uma ou de outra forma. Nem que a sua ação viria a receber palavras de estima e encorajamento de quatro Papas. Nem que com essa ação se abriam caminhos de diálogo entre cristãos de várias denominações até então não percorridos. Nem que a sua família espiritual acolheria pessoas de várias religiões e de convicções não religiosas. Nem que essa ação anteciparia a renovação da Igreja Católica na linha do Concílio Vaticano II, com a valorização do papel dos leigos e da mulher na Igreja. Nem que dela brotaria uma mensagem de unidade, como resposta adequada aos "sinais dos tempos" de sociedades cada vez mais marcadas pela convivência de pessoas de culturas diferentes. Não imaginava, sequer, que viria a fundar um Movimento...

Chiara afirmou, a propósito, em 1977, num congresso em Pescara, na Itália: «A caneta não sabe o que deverá escrever, o pincel não sabe o que deverá pintar e o cinzel não sabe o que deverá esculpir. Quando Deus toma nas suas mãos uma criatura, para fazer surgir uma Obra sua na Igreja, a

pessoa escolhida não sabe o que deverá fazer. É um instrumento. Creio que este é o meu caso». E continuou: «Fecundidade e difusão desproporcionais a qualquer força ou capacidade humana, cruces, cruces, mas também frutos, frutos, frutos abundantes. E os instrumentos de Deus têm, em geral, uma característica: a pequenez, a fragilidade... Enquanto o instrumento se move nas mãos de Deus, Ele forma-o, com muitos e muitos expedientes, dolorosos e alegres. E assim torna-o cada vez mais apto ao trabalho que deve realizar. Até que, tendo conquistado um profundo conhecimento de si, e uma certa intuição de Deus, pode dizer com competência: eu sou nada, Deus é tudo. Quando a aventura se iniciou, em Trento, eu não tinha um programa, não sabia nada. A ideia do Movimento estava em Deus, o projeto no Céu».

Muitos são esses frutos da vida de Chiara Lubich. Talvez os mais eloquentes, como sinal da intervenção de Deus através deste instrumento que foi essa vida, mais do que os grandes números, sejam as vidas de pessoas, de diferentes vocações, que pensamos possam ter atingido a meta da santidade e que se vão conhecendo melhor através de processos de beatificação em curso. O primeiro desses processos a ser concluído foi o da jovem Chiara Luce Badano. Também já foram abertos o da própria Chiara e o de Igino

Giordani, um co-fundador do Movimento. O último a ser aberto foi o de Domenico Mangano, um pai de família e político, a que aludiu o último Número da nossa Revista. Um caminho de santidade que todos podem seguir. Talvez se possa dizer que só por estes frutos terá valido a pena a fidelidade de Chiara àquele chamamento que sentiu em 1943.

Hoje, passados dez anos sobre a sua partida desta Terra, o Ideal de Chiara é tão, ou mais atual do que outrora. Descobrir, como fez Chiara, Deus como único Ideal que não passa e nada pode destruir é atual numa sociedade cada vez mais secularizada. A unidade pedida por Jesus como seu testamento («Pai, que todos sejam um, como Tu e Eu somos um»), que Chiara se sentiu chamada a realizar, é atual em sociedades cada vez mais globalizadas, com cada vez mais contactos multiculturais.

A vida de Chiara, a sua «divina aventura» (como ela própria lhe chamava) leva-nos a contemplar, com espanto, o que pode ser a ação de Deus na vida de uma pessoa, no mundo e na História. Mas é, sobretudo, um convite a reviver, à nossa medida, essa *divina aventura*. Mais do que olhar para o passado com a nostalgia do fulgor de outros tempos, importa olhar para o futuro com a esperança de que outros frutos impensáveis e surpreendentes haverão de nascer. ●